

What is theatre about?

Battle of Ideas - Eventos Satélite 2011

DEBATE SEG 3 OUTUBRO

Luis Miguel Cintra

WHAT IS THEATRE ABOUT?

Ponto prévio antipático: Sempre pensei que o teatro devia ser prioritariamente local e assumir a sua condição efémera. É melhor estar em cena quando sabemos quem são as pessoas para quem vamos actuar e sabemos que entendem a língua que falamos, entendem o que esconde cada entoação, cada olhar e cada silêncio que construímos. É maior a esperança de uma verdadeira comunicação e de uma maior exigência no trabalho. E maior a possibilidade de que qualquer coisa naquela noite aconteça, que aquele momento não se possa repetir diariamente e muito menos eternizar. Abro a excepção para o caso de algumas criações, casos exemplares de espectáculos que de repente nos abrem os olhos para voltarmos diferentes ao “nosso” público. Alguns houve que na minha juventude me marcaram a vida, e nem todos eram espectáculos portugueses.

Infelizmente ou não, ao longo dos anos, quando muito mais espectáculos estrangeiros têm vindo a Portugal e muito mais teatro interessante se passou a fazer, menor tem sido a minha prática de espectador e se hoje falo aqui deste assunto refiro-me quase exclusivamente à minha própria experiência portuguesa no palco e um pouco à experiência no teatro espanhol, com que me tenho cruzado profissionalmente pelas boas razões, as afectivas.

E falo mais de desejos meus que do trabalho de todos os que noutros teatros trabalham no mesmo ofício. Deixei quase de ir ao teatro tanto em Portugal como noutros países: a minha actividade no teatro quase não me deixa tempo livre para ver os espectáculos que outros portugueses estão também a fazer nem os espectáculos estrangeiros que alguns programadores nos compram. E se obviamente há algumas noites livres, em que não estou a trabalhar, já vou considerando arriscado trocar uma noite fora do teatro por uma noite de teatro que com grande probabilidade me deixa adormecer de cansaço. Sou mau espectador.

Mas vamos ao assunto.

Perante a pergunta “*What is theatre about?*” a minha imediata resposta, e dela não me envergonho, seria: “*I don't know*”. E quanto mais teatro faço, menos sei mas mais pergunto. E tento impedir-me qualquer resposta definitiva. Preferia que a pergunta fosse “*What is theatre about now?*” “*Now*” meaning really now and not today. Mas o que mais me pergunto a mim próprio como alguém que faz teatro, é se quero ou não quero, se será bom ou mau, que um espectador de hoje à saída de um espectáculo se faça a si próprio essa mesma pergunta. É verdade, penso no público como muitos seres que pensam e cada um de maneira diferente. Ou gostaria pelo menos que assim fosse. E penso que gostaria pelo menos que cada um à saída assim formulasse a pergunta: “*What was this theatre about?*”.

Sei que quando comecei a fazer teatro a minha resposta seria imediatamente: claro que sim, quero que pergunte, e se ele não for capaz de responder, julgo que o espectáculo falhou. Lutei, lutámos para que o teatro passasse um sentido ao espectador, lutámos por um teatro que fizesse pensar e que, se possível, passasse um sentido político. Tivemos alguns dos momentos mais felizes do nosso trabalho quando no fim nos anos 70, antes e depois do nosso período revolucionário, ficámos na sala de espectáculos com o público depois dos espectáculos conversando sobre o sentido do texto, de que falava, a que realidade se referia.

Hoje, e depois de muita hesitação, e alguma tentação de logo dizer “estou-me nas tintas”, por cansaço, sei lá, por tanta decepção acumulada, creio que acabo por responder: “sim, sim ainda quero que pergunte *“What was this theatre about”*, mas só gosto que a resposta seja: “não sei” e julgo que só assim lhe terá valido a pena sair de casa e gastar dinheiro para ver o espectáculo. Tive a maior das alegrias quando à saída de alguns dos espectáculos que fiz recentemente muitos espectadores me vieram dizer: “não percebi nada mas gostei imenso”. E julgo que é esse o espaço de comunicação que na sociedade em que vivemos resta a uma actividade de que, ao que parece, muita gente continua a gostar, e continua a procurar. Não é um espaço mais pequeno, é um espaço maior, é um espaço de invenção. Não julgo já possível no teatro uma “battle of ideas”. A prova é que a luta das ideias se transforma ela própria em espectáculo. O teatro terá de ser outra coisa.

Os teatros não têm falta de público. Mas têm talvez falta de respeito pela sua própria natureza, por aquilo que de qualquer maneira são: a elaboração de um encontro entre um grupo de pessoas e outro grupo de pessoas. Uma intervenção pública, um acto político. É aliás como actividade política e se for entendido como actividade política, que julgo que faz sentido reivindicar que seja financiado pelo Estado numa sociedade democrática que por definição assume colectivamente o seu destino político através de um sistema representativo. Porque é útil como motivador do desenvolvimento da consciência política.

E aqui surge o primeiro problema, ou um primeiro absurdo: as actuais sociedades democráticas, pelas razões que se conhecem, na realidade não produzem um poder representativo dos interesses políticos dos cidadãos que as elegem nem querem ou podem produzi-lo. E não estão interessadas no desenvolvimento da prática política dos seus cidadãos. Porque esse desenvolvimento, levado a sério destruiria o seu actual funcionamento porque é mais do que óbvio que esse sistema não satisfaz o seu desejo de felicidade. Portanto: primeira conclusão: é difícil que nos próximos tempos o teatro continue a ser apoiado pelo Estado, quer através de dinheiro europeu, do governo ou autárquico, a não ser por inércia ou desviando a sua natureza política para uma função de pura propaganda ou para uma paciente e encoberta operação de manipulação do gosto natural que qualquer pessoa saudável tem de estar com os outros, agrupar-se, reunir-se, e ao vivo, canalizando-o para formas de espectáculo reconfortantes e desresponsabilizadoras, criando falsos eventos em que de facto nada de político aconteceu mas em que houve muita da chamada “vida social”.

Há vontade de ir ao teatro. Desenvolveram-se muitas formas de comunicação indirecta e mecanizada que não satisfazem o desejo espontâneo de conhecer os outros em corpo e alma. Mas uma prática inteligente, culta, divertida, interessante, da relação com os outros é de facto completamente inútil para o funcionamento do poder político como actualmente é praticado. E só ajudaria a recusá-lo.

Mas o teatro é caro e esta sociedade torna-o mais caro ainda com a sobrecarga de trabalho administrativo e burocrático que lhe exige, e com a sua integração no sistema geral do mercado de trabalho, a sujeição ao marketing e com o agravamento dos impostos, do custo de vida, etc. E sem o financiamento do estado, coisa que será de esperar para breve devido às razões que expliquei, o teatro vai entrar, se não entrou já numa lógica comandada pelo mercado. Tem de se vender. E como tudo contribui desde o ensino até à crise económica para enterrar a cabeça na areia, a maioria das pessoas prefere fingir a viver mesmo, e nem sequer se deixa ir por “um momento de sonho”, como dizia a canção brasileira, “para fazer a fantasia de rei ou de pirata ou jardineira”. Prefere uma ilusão de bem-estar. E venderá mais ilusões quem mais superficial e mentiroso for. Sobreviverá quem melhor propaganda fizer. E quem melhor marketing tiver, quem tiver melhores técnicos da arte de não deixar sequer espaço para pensar, escolher, decidir.

O teatro está portanto entalado nesta situação. Que em Portugal ainda não é clara porque tudo aqui funciona devagar e, até ao xeque-mate, é um sítio pequeno em que no fundo nada de muito importante se joga. Deixamos que nos dêem cabo da vida, do tempo de cada vida e

da nossa felicidade de cidadãos eleitores. Mas que é isso? Vida? Felicidade? Que é isso senão vocabulário que já foi neutralizado pela linguagem do mercado, pela publicidade?

Vai tão longe o que nos roubaram de nós próprios que, voltando à tão desejada por mim pergunta hipotética do espectador: “*What was this theatre about?*” na maioria dos casos ela já passou a ser substituída, e quem duvida que com razão (valha-nos o que resta da curiosidade pelo corpo alheio quando quase tudo é já “much ado about nothing”), por uma destas outras: “Que actores são estes?” ou “Queres ir beber um copo?” ou, melhor hipótese, “Gostaste?”, o que quer dizer que o espectador ou a espectadora está mais interessado em agradavelmente coincidir com o seu acompanhante do que em mentir para falar de um espectáculo em que dormiu.

Mas mais frequente que tudo isto é a pergunta que antecede o próprio espectáculo que muitos espectadores acabam por ir ver... “Quanto tempo demora?” ou a afirmação final que ainda não há muito tempo era corrente: “Ai, meu Deus, acabou tão tarde!”. A passos de gigante a pergunta mais comum passou a ser cada vez mais afirmação: “Vá lá, acabou cedo”. Segundo me dizem os meus colegas espanhóis, em Espanha mais de hora e meia de espectáculo já é quase proibido pelo bom senso comercial, ou seja, pelo instinto de sobrevivência, essa peste negra que trucidava qualquer texto mais extenso ou qualquer necessidade de uma um pouco mais prolongada criação cénica, peste que já está a chegar a estas paragens.

Já sei, tudo isto estamos fartos de saber. E também sei outras coisas menos negras: o número de candidatos a actores aumentou gigantescamente; muitos desses candidatos não foram nunca ao teatro; os actores mais novos, os que a minha geração já ajudou a formar, são muito melhores e muitos mais e muito mais livres que nós na idade deles. Há mais técnicos interessados e implicados nos próprios espectáculos. Há grupos novos a organizarem-se para fazerem os seus espectáculos, há muita vontade de fazer teatro, mesmo da parte de quem nunca se sentou numa plateia. Há mais vida no teatro. Mesmo que os sistemas educativos se tenham modificado no sentido de uma aprendizagem cada vez mais técnica e cada vez com menos espaço para tudo o que faz a natureza do teatro: a efemeridade, a poesia, a literatura, as artes, as chamadas humanidades, o que não serve para nada que tenha a ver com estatuto social, ou acumulação de riqueza material.

Apesar de tudo quero acreditar que o teatro que fiz e os outros fizeram, tem força vital, e que de alguma maneira modificou um milímetro do mundo pelo que deu a pensar a alguns dos seus intervenientes. E aos que nos viram representar. Pelo que de outro modo nunca viveríamos. Isso também foi bom. Como tanta outra coisa da vida que partilhamos com os outros. E é isso que me faz continuar a trabalhar numa atmosfera social que esterilizou o teatro, o banalizou, o integrou num sistema de consumo baseado na cópia de modelos e sujeito aos limites que os burocratas lhe impõem, para um público que não tem possibilidade de ter outra cara senão a do dinheiro que deixa na bilheteira. Faz-me continuar a trabalhar para criar mais vida ou uma alternativa à vida que nos previram e que nos deixamos viver.

Julgo que hoje é muito difícil fazer passar ao espectador alguma coisa que vá para além do que ele já reconheça. A sociedade em que vivemos organiza-nos demais a maneira de pensar, cria-nos defesas, medos e tendemos a recusar um teatro que não corresponda de alguma maneira à função de bem de consumo e de conforto social, em que já o encerrámos, e em que ele próprio se encerra para não deixar de satisfazer o nosso permanente papel de passivo consumidor. Na minha própria cabeça não fica nenhuma ideia, nenhuma fábula sequer, nenhum discurso do que vi numa noite de teatro. Fica outra coisa. Fica aquilo que no fundo julgo que esse novo público nele procura: aquilo que **aconteceu** naquela noite, fora ou dentro do palco.

Mas é triste que a actividade teatral se torne em mero pretexto para sair á noite, conhecer alguém, beber um copo. Aspiro a um pouco mais mas infelizmente é assim. E perante a actual realidade social julgo que o papel de quem ainda acredita nalguma função política da actividade teatral, o papel dos que gostam de fazer teatro porque nele encontram mais vida e uma vida diferente da que está previsto que vivam, é partilhá-lo com o público. Fazer com que o

público sinta que viveu coisa nova na noite em que foi ao teatro, coisa diferente, em suma, surpreendê-lo, fintá-lo, provocar-lhe mais pensamento ou novas sensações. Como? Colocando-o perante uma linguagem que não aprendeu. Criando espectáculos que não o façam reconhecer, que não o façam dormir e que lhe provoquem conhecimento, nova maneira de sentir, novas imagens por mais sem sentido que lhes pareçam ser.

Comédias, tragédias, dramas ou farsas, tanto faz. Clássico ou contemporâneo, performance ou peça, dança ou ópera ou declamado ou musical, qualquer catalogação é redutora e no fundo, tanto faz. A partir do momento em que o espectador já tem uma catalogação na cabeça, deixa de pensar, reencontrando essa tendência tão portuguesa para nunca correr riscos. Portanto “please do not save as”. Que o espectador não tenha categorias para classificar o que viu.

Pelo contrário, creio que o que ainda dá consistência política ao teatro, tal como penso que deve acontecer, é a de ser um risco permanente, uma surpresa, construída cada qual de sua maneira, inventada da maneira que se conseguir, desde a matéria mais simples como a relação espacial com os espectadores, ou atitudes que não são quotidianas, até à mais alta poesia rimada ou à ausência de palavras. Sensações. Charadas. Que o teatro faça o que quiser menos o que está previsto. Portanto “Please do not copy paste”. Já bem bastam os modelos de comportamento para o nosso quotidiano que acabamos por interiorizar.

Pela parte que me cabe tenho encontrado terreno para abalar as certezas do espectador em textos antigos que lhe são estranhos, visto que pouca consciência da História costuma ter, ou numa reivindicação da condição poética, metafórica, para uma actividade que tem de sair da imitação da sociedade que conhecemos ou do cliché dos comportamentos humanos para nos confundir e nos obrigar a pensar ou sentir de uma maneira nova. Fazê-lo por exemplo ver um idealista em carne e osso sobre um palco em vez de ver um cínico. Um santo em vez de um sensato. Mesmo que não perceba o que está a ver. Como gosto do género humano confio que há-de gostar mais de si próprio assim que como o formataram. Que desejará mais vida onde só lhe permitem sobreviver e mal.

Espero que felizmente os jovens artistas deixem de querer fazer teatro para serem admirados e passem a querer fazê-lo para viverem mais. E que se deixem todos de falsos encontros salamaleques e hipocrisias. Que cada vez haja menos eventos e capitais culturais. O vento terá de ser outro. O que o teatro merece. Que todos desejemos a multiplicação do público em muitos pequenos mas verdadeiros espectadores e desistamos do palácio principal. E que o teatro como o poder e a religião, passem a ser repartidos por bairros ou grupos sociais e expostamente vividos. Voltemos ao teatro dos amadores e das colectividades. Que seja cada vez mais local, para que possa voltar a ser universal. E voltar a ser aquele lugar que o Homem inventou para se pensar a si mesmo. Ou que pensou para se inventar a si mesmo.

Luis Miguel Cintra

3 Outubro 2011